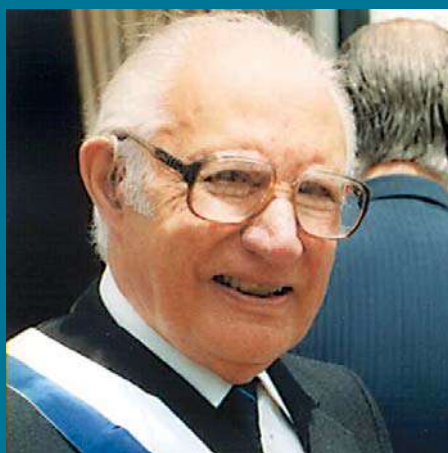


# Prof. Francisco Caldeira Cabral

1908-1992



Lisboa | Outubro | 2008

Câmara Municipal de Lisboa | Comissão Municipal de Toponímia



**Prof. Francisco  
Caldeira Cabral**



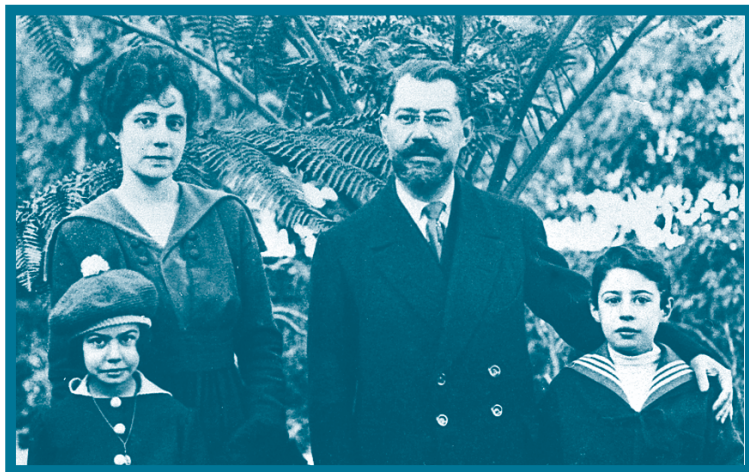
**A** Câmara Municipal de Lisboa presta a sua homenagem ao Prof. Francisco Caldeira Cabral, homem de cultura, personalidade marcante no campo académico, primeiro arquitecto paisagista português e iniciador do estudo da disciplina no nosso país, associando-se às celebrações do seu centenário.

O Vereador  
José Cardoso da Silva





Francisco Caldeira Cabral com a irmã, Maria Henriqueta



*Com os pais e a irmã em Sintra, 1917*

“A Arquitectura Paisagista é a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem”.<sup>1</sup>

**F**rancisco Caldeira Cabral, iniciador do ensino e da prática da Arquitectura Paisagista em Portugal, filho de António Caldeira Cabral e de Alice Monteiro, nasceu em Lisboa, no Campo de Sant’Ana, nº 46, freguesia da Pena, a 26 de Outubro de 1908.

Cresceu entre Lisboa e S. Pedro de Sintra, onde o seu pai tinha casa e fez o ensino primário em Lisboa. Iniciou o secundário no Colégio Vasco da Gama, continuando-o a partir de 1921 no Colégio dos Jesuítas, então instalado em La Guardia. Terminou o curso liceal em 1925, realizando os exames finais no Liceu de Passos Manuel, em Lisboa.

Francisco Caldeira Cabral casou em 1936 com Alfreda Ferreira da Fonseca, sua esposa e companheira ao longo de cinquenta anos, que com ele compartilhou o gosto pelo saber. Os seus nove filhos, António, Maria do Rosário, João, José Maria, Ana

---

<sup>1</sup> Caldeira Cabral, *Fundamentos da arquitectura paisagista*, 1993;



Francisco Caldeira Cabral aos 17 anos.





Com a esposa, Alfreda, no Jardim Botânico da Ajuda, 1936

Maria, Alice, Francisco Manuel, Pedro e Maria da Assunção, cresceram num ambiente onde a cultura e os valores se transmitiam espontaneamente. Caldeira Cabral era um educador nato, e nos passeios que frequentemente partilhava com os filhos, a que chamavam “explorar capelinhas”, procurava despertar a sua curiosidade e estimular a sua atenção à Natureza e ao património artístico.

Desde cedo que o espírito curioso de Caldeira Cabral o levou a interessar-se por uma diversidade de matérias, da Química à Botânica e à Música. Ainda em 1925 decidiu prosseguir os estudos na Alemanha, na Universidade Técnica de Berlim-Charlottenburg, onde se inscreveu no curso de Química. Insatisfeito, transferiu-se no ano seguinte para Engenharia Electrotécnica, tendo realizado a prática da disciplina como operário na Siemens. Entretanto estudava música e canto, e frequentava os concertos e os museus de uma cidade vibrante de vida como o era Berlim à época.

Uma pneumonia obrigou-o a interromper os estudos e a regressar a Lisboa, tendo-se então matriculado no Instituto Superior de Agronomia, onde concluiu o curso de Engenheiro Agrónomo em 1936.

Fez parte do Movimento Renascimento Musical Português<sup>2</sup>, envolvendo-se em vários projectos musicais inovadores. Traduziu do alemão *A Paixão segundo São Mateus*, de J.S. Bach, que foi cantada pela primeira vez em português no Teatro Nacional de São Carlos no ano de 1931, sob a direcção do maestro Ivo Cruz<sup>3</sup>. Caldeira Cabral cantou por duas vezes o papel central da obra “o Evangelista”. Traduziu também a peça *Orfeu*, de Monteverdi, apresentada em Lisboa no ano de 1932,

<sup>2</sup> O projecto nacionalista do Renascimento Musical desenvolveu-se entre 1923 e 1946;

<sup>3</sup> O maestro Ivo Cruz foi homenageado na toponímia da freguesia de Benfica, por edital da CML de 15/10/1993;

também no São Carlos, onde interpretou "O Pastor". De 1932 a 1935 deu diversos concertos na qualidade de cantor lírico no Salão do Conservatório Nacional e no Teatro São Carlos, entre outros locais. Por esse motivo, o livro de curso de Agronomia caricatura-o como um busto em cima de um piano.



Caricatura, 1934

Ainda estudante, o director do Instituto Superior de Agronomia, Prof. André Navarro, encarregou-o da direcção de trabalhos de jardinagem na Tapada e no Jardim Botânico da Ajuda. Quando em 1935 a Câmara Municipal de Lisboa decidiu apostar na formação de um técnico especializado para assumir a chefia da Repartição de Arborização e Jardinagem, e nesse sentido pediu ao Instituto a indicação de alguém que assumisse o cargo, este indicou o

seu nome. Os jardins da cidade de Lisboa eram da competência dos jardineiros municipais, cujos trabalhos tinham atingido o auge na segunda metade do século XIX mas que entretanto tinham vindo a perder consistência e vigor.

A frequentar o 4º ano de Agronomia, Caldeira Cabral foi convidado a entregar uma proposta de trabalho, mas motivado por um artigo da *Encyclopedia Brittanica* onde se falava da nova profissão de Arquitecto Paisagista propôs aos serviços municipais a substituição da frequência do curso de jardinagem pela sua formação nesta nova disciplina.

O ensino da Arquitectura Paisagista na Europa era recente. Iniciara-se no ano de 1929, na Faculdade de Agronomia da Universidade de Reading em Inglaterra. Dois anos depois a Faculdade de Agronomia da Universidade de Berlim criara o Instituto de Arquitectura Paisagista. Em virtude de já ter estudado nessa cidade Caldeira Cabral ponderou o seu regresso à Alemanha.

Após terminar a licenciatura em agronomia, Caldeira Cabral apoiado com uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura<sup>4</sup>, partiu para Berlim acompanhado pela esposa, onde ingressou no Curso de Arquitectura Paisagista da Faculdade de Agronomia da Universidade de Friedrich-Wilhelm, sob a orientação do Mestre Prof. Wiepking, licenciatura que concluirá em 1939, obtendo o título de *Diplom Gärtner*.

Em 1937 foi convidado a participar no projecto do Estádio Nacional, cuja construção fora decidida por Salazar no âmbito da Exposição do Mundo Português de 1940<sup>5</sup>. Tinham concorrido duas firmas, em 1934, com projectos dos Arquitectos Carlos Ramos<sup>6</sup> e Cristino da Silva<sup>7</sup>, entretanto remodelados pelo Arq<sup>o</sup> Jorge Segurado. Caldeira Cabral contrapôs à solução apresentada, a implantação do complexo no centro do Vale do Jamor, a criação de um parque e a localização do estádio na encosta onde se encontra, desenvolvendo o projecto em Berlim com o seu assistente Arq<sup>o</sup>. Konrad Wiesner.

Ao regressar a Lisboa em 1939 encontrou uma cidade a atravessar um processo de modernização liderado pelo engenheiro Duarte Pacheco<sup>8</sup> que acumulava os cargos de Presidente da CML e de Ministro das Obras Públicas. Caldeira Cabral pôs definitivamente de lado a possibilidade de ingressar na CML pois o cargo que lhe fora proposto, e que tinha motivado a sua descoberta da Arquitectura Paisagista, fora entretanto ocupado pelo engenheiro agrónomo Pacheco de Amorim. Também a gestão dos jardins lisboetas tinha sido entretanto entregue ao jovem arquitecto Keil do Amaral<sup>9</sup>.

---

<sup>4</sup> O Instituto para a Alta Cultura, criado em 1936, mais tarde chamado Instituto de Alta Cultura, foi o primeiro órgão de coordenação da investigação científica em Portugal;

<sup>5</sup> A Exposição do Mundo Português, anunciada por Salazar em 1938, celebrou o duplo centenário da Fundação (1140) e da Restauração (1640). No entanto, o Estádio Nacional só viria a ser inaugurado em 1944;

<sup>6</sup> O arquitecto Carlos Ramos foi homenageado na toponímia da freguesia de Santa Maria dos Olivais, por edital da CML de 15/03/1971;

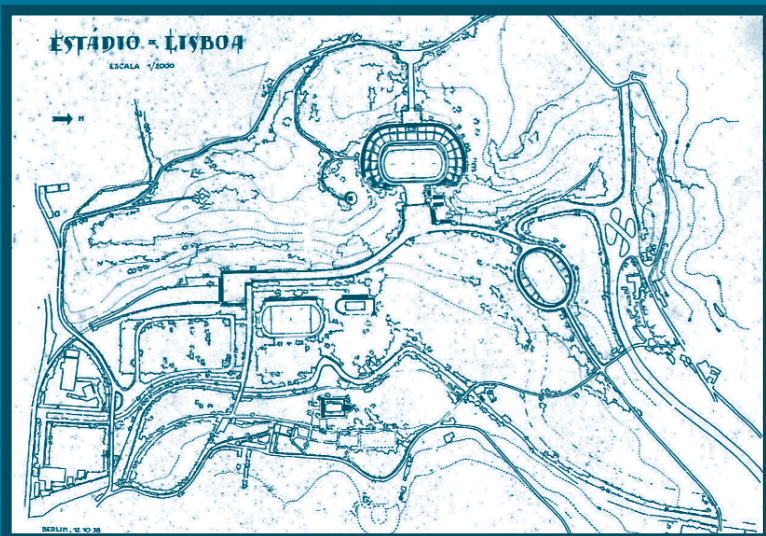
<sup>7</sup> O arquitecto Luís Cristino da Silva foi homenageado na toponímia da freguesia de Marvila, por edital da CML de 10/08/1978;

<sup>8</sup> O engenheiro Duarte Pacheco foi homenageado na toponímia de Lisboa por edital de 22/06/1948;

<sup>9</sup> O arquitecto Keil do Amaral foi homenageado na toponímia da freguesia de Marvila, por edital da CML de 10/08/1978;



*Estádio Nacional*



*Estádio Nacional - projecto*





O projecto de Cabral e Wiesner para o Estádio Nacional, inovador e ousado, inspirou-se nos anfiteatros gregos, e era orientado para o enquadramento e para a gestão equilibrada dos espaços, da paisagem e dos recursos naturais, preferindo a utilização de materiais nacionais como a pedra, ao cimento e ao ferro. As condições políticas da época e as reticências dos jovens arquitectos que trabalhavam com Duarte Pacheco, motivaram o seu afastamento dos trabalhos em 1940. No entanto, foi o seu projecto que veio efectivamente a ser executado, quer no que respeita à implantação do conjunto de equipamentos desportivos, quer na construção das bancadas do Estádio e também do Estádio de Ténis.

Nesse mesmo ano, Caldeira Cabral iniciou a actividade de docente no Instituto Superior de Agronomia, como regente da disciplina de Desenho Organográfico, e logo depois de Construções Rurais, tendo sido autorizado a avançar com um curso experimental de Arquitectura Paisagista, de livre acesso e facultativo, o qual começou a funcionar em 1941<sup>10</sup>. No ano seguinte o curso beneficiou do estatuto de Curso Livre por parte do Ministério da Educação Nacional, mas só decorridos quarenta anos se procederia à sua oficialização. Foi remodelado em 1983 e em 1988, data em que se concedeu o grau de Doutor em Arquitectura Paisagista.

O Prof. Caldeira Cabral fez do seu curso “uma extraordinária escola de formação técnica, cultural e humanista, pois dizia que ali não era só a informação que contava, mas sobretudo a formação”<sup>11</sup>. Entre os formandos dos primeiros anos contam-se alguns dos seus principais seguidores: Azevedo Coutinho, Ribeiro Telles, Edgar Fontes, Viana Barreto, Ilídio de Araújo e Álvaro Dentinho.

Em 1949, Caldeira Cabral tomou parte na fundação da Liga para a Protecção da Natureza, de que foi presidente (1951-1952). Foi

---

<sup>10</sup> O curso de Arquitectura Paisagista de Lisboa foi, desde a sua criação, um curso de nível superior com duração de 5 anos ao longo dos quais eram leccionadas disciplinas dos cursos de Agronomia e Silvicultura, paralelamente com disciplinas específicas de Arquitectura Paisagista.

<sup>11</sup> *Fundamentos da arquitectura paisagista*, “Palavras Prévias”, Fernando Pessoa; 1993;

também presidente da Secção de Protecção da Natureza da Sociedade de Geografia de Lisboa a partir de 1956, onde, numa conferência em 1963, propôs a criação em Portugal de um sistema de parques e reservas e do Parque Nacional do Gerês.

Em 1953, Caldeira Cabral criou o Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia, organismo que foi o precursor da Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas<sup>12</sup>, e que iria ter nos anos subsequentes um grande impacto na divulgação da disciplina, quer a nível nacional, quer internacional. O centro organizava regularmente conferências e exposições, e ganhou visibilidade quando, em 1957, passou a representar Portugal na Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas (IFLA)<sup>13</sup>.

O Prof. Caldeira Cabral foi eleito vice-presidente da IFLA em 1960, no congresso de Amesterdão, cargo que ocupou até 1962, ano em que foi eleito presidente da organização no congresso realizado em Israel. Presidiu aos congressos de Tóquio, 1964, e de Estugarda, 1966, data em que terminou o seu mandato tendo contudo continuado a manter laços estreitos com a organização.

O secretariado da IFLA transferiu-se de Londres para o Instituto Superior de Agronomia em 1965, ano em que se comemoraram os 25 anos do ensino da Arquitectura Paisagista em Portugal, tendo-se realizado o I Colóquio Nacional de Arquitectura Paisagista, com uma exposição que foi apresentada em Lisboa, Porto e Madrid. Ainda em 1965 o professor passou a fazer parte da Junta Nacional de Educação, onde se manteve até 1977.

Apesar da sua dedicação à organização, desenvolvimento e promoção da Arquitectura Paisagista, à participação em inúmeros colóquios, reuniões, congressos e seminários, o Prof. Caldeira Cabral nunca descurou a docência, pautando-se o teor dos seus cursos pela diversidade das matérias. Promovia com frequência viagens de estudo, pela Europa,

---

<sup>12</sup> O projecto da associação veio a concretizar-se em 1975 e Caldeira Cabral foi o seu presidente de 1988 a 1990;

<sup>13</sup> A Federação Internacional dos Arquitectos Paisagistas foi fundada em Cambridge, Inglaterra, em 1948;

com os seus alunos, pois entendia que elas eram fundamentais à sua formação.

“A arquitectura paisagista é uma arte porque a concepção das suas obras é fundamentalmente intuitiva, e pertence ao grupo das belas-arts porque a criação de beleza é uma das suas finalidades”.<sup>14</sup>

Ao pensar a Arquitectura Paisagista com uma concepção avançada para a sua época, compatibilizando a Arte com a Ciência e com a Técnica, o Prof. Caldeira Cabral, “criou escola” e deixou a sua marca. Encarava a disciplina como total e abrangente, concepção inovadora e avançada para a sua época, aplicada na prática à defesa e enriquecimento do nosso património paisagístico e ao planeamento e ordenamento do território urbano e rural, com a preocupação subjacente da preservação e conservação da Natureza e da gestão dos recursos naturais.

Legou-nos um património teórico e conceptual que se tornou uma referência de trabalho, não só para os seus colegas, alunos e seguidores, mas também para a sociedade em geral. Exemplo da aplicação prática dos seus ensinamentos foi o projecto dos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, da autoria dos seus discípulos Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto.

O arquitecto paisagista Caldeira Cabral assinou uma obra vasta e diversificada. Do seu *curriculum* destacam-se as seguintes intervenções e projectos:

Projecto e intervenções no Estádio Nacional<sup>15</sup>, entre 1938 a 1940;

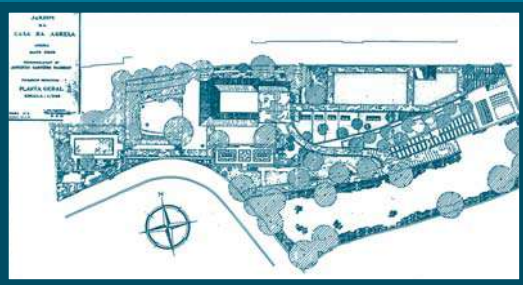
Projectos em quintas e jardins privados, com destaque para a quinta e casa agrícola da Agrela, 1946;

Projectos de intervenções em jardins históricos, onde procurou recriar os jardins de outra época, com destaque para o jardim

---

<sup>14</sup> Caldeira Cabral, *Fundamentos da arquitectura paisagista*; 1993;

<sup>15</sup> O projecto do Estádio Nacional é geralmente atribuído ao arquitecto Miguel Jacobetty Rosa, que foi de facto o autor de várias propostas, incluindo a da tribuna presidencial. No entanto, no biénio 1939-1940, os trabalhos de Caldeira Cabral e de Wiesner estão bem documentados. O estádio foi inaugurado em 1944, já após a morte de Duarte Pacheco.



*Planta da Quinta da Agrela*



*Perspectiva da Casa da Agrela*

*Fotos da Quinta da Agrela*





*Quinta dos Pesos*

Martins Pereira, em Reguengos de Monsaraz, 1946, da Quinta da Sub-serra em Alhandra, 1950, e o da Quinta da Lameira em Portalegre, 1953;

Projectos de jardins modernos, com destaque para a “A Rocheira” no Estoril, 1952, “As Pedras Negras” na Malveira da Serra, 1963, e o da Quinta dos Pesos em Caparide, 1963;

Teve como colaborador Edgar Fontes, seu assistente no Instituto Superior de Agronomia, com especial incidência no período em que Caldeira Cabral era presidente da IFLA e Edgar Fontes secretário-geral, destacando-se as intervenções na Quinta dos Aciprestes em Linda-a-Velha, 1956, na Quinta Patiño em Alcoitão e no jardim de Alcáçovas, ambas em 1957;

No “Projecto de Remodelação da Av. da Liberdade”, 1955, teve como colaborador Ribeiro Telles com quem voltou a colaborar, em conjunto com António Barreto, no projecto do “Enquadramento Paisagístico da Torre de Belém”. A remodelação das avenidas lisboetas teve o seu ponto alto nas décadas de 50 e de 60, com os projectos de Ribeiro Telles para a dos Estados Unidos, 1950, de Roma, 1955, e Infante Santo, 1957; de Manuel Sousa da Câmara para a do Brasil, 1963; e de Edgar Fontes para a da República, 1967.



*Funchal, Praça do Município, 1943*

Projectos de remodelação do espaço público com destaque para o Parque das Caldas da Rainha, 1949, a Av. Constantino Palha em Vila Franca de Xira, 1954, e o parque municipal do Montijo, onde teve como colaborador Edgar Fontes, 1956.

A sua colaboração com Raúl Lino<sup>17</sup>, nos anos 40, teve um grande impacto na paisagem funchalense. Sob a tutela de Fernão de Ornelas, presidente da Câmara do Funchal entre 1935 e 1946, os dois arquitectos levaram a cabo o “Plano de Melhoramentos” da cidade, obra de renovação que incluiu a Praça do Município, o Largo da Restauração, a Avenida do Mar, o Jardim Municipal (actual Jardim de São Francisco) e o Parque de Santa Catarina.

A influência de Caldeira Cabral fez-se também sentir no ordenamento do território e da paisagem rural, com destaque para o complexo industrial de Sines e do Baixo Mondego; em projectos de urbanismo, com destaque para o “Plano de Urbanização de Alcácer do Sal”, 1943, e de paisagem industrial, com destaque para a Barragem de Belver, 1952, uma vez mais tendo como colaborador Edgar Fontes, e o bairro operário da fábrica “A Boa Reguladora”, Famalicão; e na integração de infra-estruturas, nomeadamente na implantação e enquadramento de vias e auto-estradas.

---

<sup>17</sup> O arquitecto Raúl Lino foi homenageado na toponímia da freguesia de Marvila, por edital da CML de 20/08/1985. Foi um dos mentores de Caldeira Cabral, influenciando decisivamente a sua formação profissional;



Universidade de Évora, Doutoramento,  
Outubro de 1980

O Prof. Caldeira Cabral viu publicados vários artigos científicos e conferências em revistas nacionais e estrangeiras e editados os seguintes volumes: sobre os jardins—*Construção de Jardins*, 1963, *História de Arte dos Jardins: o Egípto*, 1962, e *Jardins: conferência*, 1940; sobre as árvores – *A Árvore*, 1960, e *A Árvore em Portugal*, 1999; e sobre a sua profissão: *Arquitectura paisagista*, 1943, *A Arquitectura Paisagista: Protecção à Natureza e Arquitectura Paisagista*, 1956, e *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, 1993. Recentemente a sua actividade profissional foi reconhecida internacionalmente com a publicação em Inglaterra de uma monografia que lhe é dedicada<sup>18</sup>.

O Prof. Caldeira Cabral foi *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Técnica de Hannover, 1971 e pela Universidade de Évora, 1980, e *visiting professor* nas universidades de Berkeley, Michigan, Athens e Pensilvânia nos Estados Unidos, Newcastle em Inglaterra, Madrid e Saragoça, Tóquio, Hanôver e Évora. Dominava o alemão, inglês, francês, espanhol, italiano, e também o latim.

Pertenceu a diversas sociedades científicas, incluindo a *American Society of Landscape Architects*, o *Institute of Landscape Architects*, a Ordem dos Engenheiros, a Sociedade de Ciências Agrárias e a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. Foi distinguido com a Medalha de Bronze do Concurso Internacional *Planten und Blumen*<sup>18</sup>, Hamburgo, 1963, e recebeu o prémio Fritz Schumacher – Ordenamento da Paisagem, Hannover, 1965. Foi agraciado com as condecorações, de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública, 1982, e com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, 1989. De realçar a colaboração do Prof. Francisco Caldeira Cabral com a CML. Entre 1950 e 1960 foi vogal da Comissão de Arte e

<sup>18</sup> Andresen Teresa: *Francisco Caldeira Cabral: LDT (landscape design trust) monographs*; Reigate, 2001;

<sup>19</sup> Concurso Internacional de Plantas e Flores;

Arqueologia; entre 1956 e 1960 integrou o Gabinete de Estudos e Urbanização onde orientou os estudos de Arquitectura Paisagista no Plano Director de Lisboa; em 1961 integrou a comissão organizadora dos Colóquios de Urbanismo.

A Fundação Calouste Gulbenkian dedicou-lhe uma exposição, 2003-2004, “Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)”, comissariada por Teresa Andresen. Os seus arquivos profissionais encontram-se no Forte de Sacavém desde 2006.

O Professor Doutor Francisco Caldeira Cabral, Engenheiro Agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia, 1936, Arquitecto Paisagista pela Universidade de Berlim, 1939, Professor Catedrático Jubilado, respectivamente em 1945 e 1975, faleceu com 84 anos, a 10 de Novembro de 1992, em Coimbra.

“Com ele se encerrou um período da vida portuguesa, e também internacional, em que o técnico e o cientista era também humanista e homem de cultura, num contexto universalista que hoje se perdeu na excessiva especialização das profissões.”<sup>20</sup>

Lisboa tem destacado na sua toponímia os arquitectos que, inequivocamente, deixaram a sua marca na cidade. O Mestre Afonso Domingues é o primeiro cuja homenagem consta dos registos toponímicos. Arquitecto do Século XIV, responsável pela traça original do Mosteiro da Batalha, foi homenageado na freguesia de Santa Engrácia por deliberação camarária de 8 de Julho de 1892. Nota interessante foi a constituição a de 10 de Agosto de 1978, na zona N2 de Chelas, freguesia de Marvila, de um bairro toponimicamente dedicado a doze arquitectos<sup>21</sup>.

O jardim distinguido com o topónimo de Prof. Francisco Caldeira Cabral situa-se nos terrenos pertencentes às antigas quintas de Santana e de S. Vicente, que constituem hoje o parque urbano de Telheiras. Este novo parque urbano, que procurou integrar o espí-

---

<sup>20</sup> O *Fundamentos da arquitectura paisagista*, “Palavras Prévias”, Fernando Pessoa; 1993;

<sup>21</sup> Adães Bermudes, Adelino Nunes, Álvaro Machado, Cassiano Branco, Domingos Parente, Rua José Luís Monteiro, Keil do Amaral, Luís Cristino da Silva, Miguel Nogueira Júnior, Norte Júnior, Pardal Monteiro e Pedro José Pezerat.



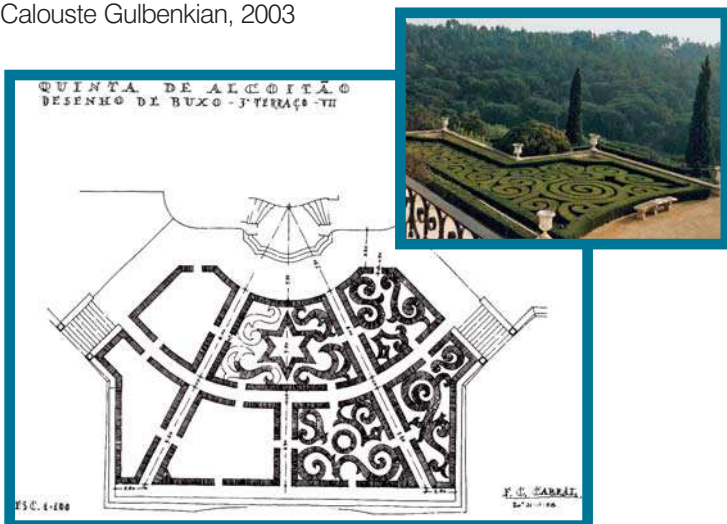
rito e a memória destas quintas numa linguagem moderna da paisagem, aplicando na prática o conceito de *continuum naturale*, constitui uma homenagem aos ensinamentos que o Professor Caldeira Cabral nos legou.

A Câmara Municipal de Lisboa presta pela primeira vez homenagem na sua toponímia a um arquitecto paisagista, associando-se às celebrações do centenário do Prof. Francisco Caldeira Cabral, precursor e grande impulsionador da Arquitectura Paisagista em Portugal, atribuindo o seu nome a um jardim em Telheiras, freguesia do Lumiar.

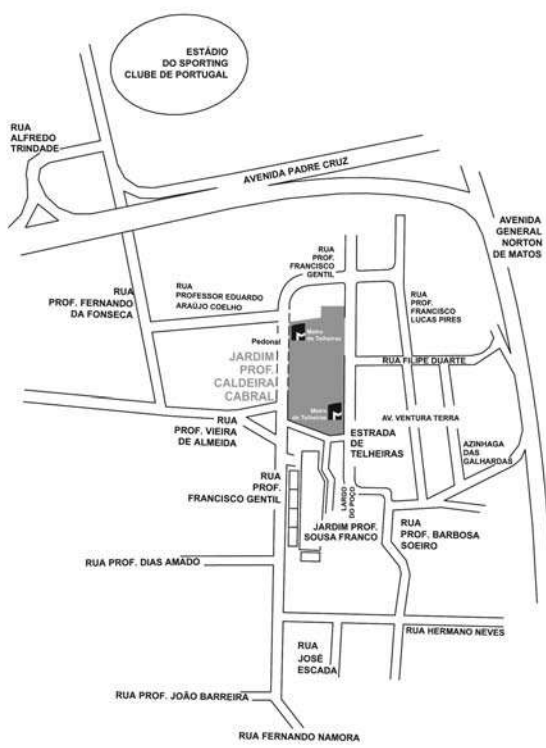
---

## Bibliografia

- Caldeira Cabral. In Diciopédia X [CD-ROM]. Porto: Porto Editora, 2006. ISBN: 978-972-0-65261-4
- Cabral, Francisco Caldeira; Pessoa, Fernando, pref; Teles, Gonçalo Ribeiro, pref; *Fundamentos da arquitectura paisagista* Lisboa: Inst. Conservação da Natureza, 1993
- Tostões, Ana & Ramos, Manuel Silveira; *Do Estádio Nacional ao jardim Gulbenkian: Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003



Quinta Patino



## FICHA TÉCNICA

### **Edição**

Câmara Municipal de Lisboa  
Comissão Municipal de Toponímia

### **Título**

Prof. Francisco Caldeira Cabral

### **Texto**

António Adriano

### **Coordenação**

Paula Levy  
Jorge Pereira da Silva  
António Trindade

### **Design Gráfico**

Rui A. Pereira | Elsa Pires

### **Colaboração Gráfica**

Albino Teresa | Manuel Rocha

### **Planta de Localização**

Isilda Marcelino

### **Tiragem**

500 ex.

### **Ano**

2008

### **Depósito Legal**

N.º ... .. /08

### **Execução gráfica**

Imprensa Municipal de Lisboa

